

---

# AS CARPIDEIRAS RITUAIS EGÍPCIAS: ENTRE A EXPRESSÃO DE EMOÇÕES E A ENCENAÇÃO PÚBLICA. A IMPORTÂNCIA DAS LAMENTAÇÕES FÚNEBRES

José das Candeias Sales  
(Universidade Aberta; Centro de História da Universidade de Lisboa)

## RESUMO

*Iconograficamente, o tema das carpideiras rituais egípcias como componente das práticas religiosas do antigo Egipto está particularmente bem atestada, sobretudo a partir da XVIII Dinastia, em baixos-relevos e pinturas parietais e tumulares, em pinturas em papiros, em estatuetas e em estelas.*

*A importância ritual das lamentações públicas das carpideiras e dos carpideiros egípcios é sublinhada pelo arquétipo simbólico-mitológico da lenda osiriana, em que as irmãs divinas Ísis e Néftis se lamentam sobre o corpo morto de Osíris. A evolução religiosa egípcia fez do morto vulgar um Osíris divino, necessitando do mesmo zelo e cuidado das lamentações fúnebres.*

*Da gramática de posturas perfeitamente estereotipadas e codificadas observáveis nas representações artísticas egípcias merece especial destaque o papel desempenhado pelos braços, pelas mãos, pela cabeça e pelos cabelos. Entre estes últimos, salienta-se o gesto nwn: as carpideiras atiravam o cabelo para a cara, tapando os olhos e simbolizando assim a obscuridade da morte.*

*A teatralidade da dor assim encenada recebe na cultura egípcia uma dupla função, social (expressão social das emoções) e simbólica (expressão metafísica das lamentações), e faz da temática das lamentações uma das mais importantes dinâmicas da ideologia da morte no Egipto antigo.*

## RESUMEN

*Iconográficamente, el tema de las plañideras rituales egipcias como un componente de las prácticas religiosas del antiguo Egipto está particularmente bien documentado, sobre todo desde la dinastía XVIII, en bajorrelieves y pinturas parietales y de tumbas, pinturas en papiro, en estatuillas y en estelas.*

*La importancia ritual de las lamentaciones públicas de las plañideras y de los plañideros egipcios se ve subrayada por el arquetipo simbólico y mitológico de la leyenda de Osiris, en el que las hermanas divinas Isis y Nefthis lloran sobre el cadáver de Osiris. La evolución religiosa egipcia hizo de lo muerto ordinario un Osiris divino, que requiere el mismo celo y cuidado de las lamentaciones fúnebres.*

*En la gramática de posturas perfectamente estereotipadas y codificadas observables en representaciones artísticas egipcias merece una mención especial el papel desempeñado por los brazos, las manos, la cabeza y el pelo. Entre estos últimos, se observa el gesto nwn: las plañideras lanzaban el pelo en la cara, cubriendo sus ojos, lo que simbolizaba la oscuridad de la muerte.*

*La teatralidad del dolor así escenificada recibe en la cultura egipcia una doble función, social (expresión social de las emociones) y simbólica (expresión metafísica de las lamentaciones), y hace del tema de las lamentaciones una de las más importantes dinámicas de la ideología de la muerte en el antiguo Egipto.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Carpideiras, lamentações fúnebres, teatralidade, iconografia.*

## PALABRAS CLAVE

*Plañideras, lamentos fúnebres, teatralidad, iconografia*

Independentemente do tipo de interpretações que se possam produzir, mais antropológicas, mais metafísicas ou mais escatológicas, a morte era, no antigo Egipto como praticamente em todas as sociedades humanas, um momento de significativa disfuncionalidade existencial, tanto em sentido individual como em sentido comunitário,

que provocava angústia, tristeza, desgosto e dor naqueles que sobreviviam ao defunto. «Estar triste» (*nḥrḥr*, *nekherkher*) ou «fazer o luto» (*irj.3kb*, *iri-akeb*) foram estados e experiências que atingiram praticamente todos os Egípcios, de todas as camadas sociais, em todas as épocas.

A forma mais comum e mais natural de experienciar a morte de um familiar ou amigo para aqueles que lhe sobrevivem é o enorme sentimento de trágica perda provocado pela separação<sup>1</sup>. Heródoto, já numa época relativamente avançada da história egípcia (século VI a.C.), no *Livro II* da sua *História*, onde são feitas alusões, descrições e comentários sobre a organização religiosa, a religiosidade e os costumes rituais dos antigos Egípcios, alude aos costumes fúnebres egípcios, escrevendo: «*Com relação aos funerais e ao luto, os Egípcios procedem da seguinte forma: quando morre um alto funcionário, os elementos femininos da família cobrem-se de pó da cabeça aos pés, descobrem os seios, prendem as vestes com um cinto e, deixando o morto em casa, põem-se a percorrer a cidade, batendo no peito, acompanhadas dos demais parentes. Por sua vez, os homens desnudam também o peito e põem-se a bater nele. Terminada essa cerimónia, levam o corpo para embalsamar*» (II, 85).

Mesmo com as devidas reservas que algumas informações de Heródoto nos merecem, esta passagem deixa perceber claramente que os familiares, do sexo feminino e do sexo masculino, demonstravam publicamente no dia do funeral o seu desconforto pela perda do ente querido, através de algumas práticas codificadas, que a sociedade da altura entendia como manifestações de pesar e de tristeza. Muitas cenas pintadas e esculpidas em paredes tumulares egípcias ou pintadas em ilustrações de papiros, de épocas anteriores ao comentário de Heródoto, nomeadamente do Império Novo, mostram-nos que à participação directa dos familiares (nomeadamente viúvas, irmãs e filhas do defunto) se associavam amigos, conhecidos e serviçais<sup>2</sup>.

Os seus gestos de dor e lamento são sugeridos pelas poses em que são representados. Entre lamentos, mais ou menos lancinantes, e orações fúnebres, a viúva, a irmã e/ ou a filha do defunto surgem habitualmente descalças, ajoelhadas, de cócoras, prostradas, de mãos sobre as cabeças ou erguidas em direcção ao céu, seios desnudados, com abundantes lágrimas escorrendo pelas faces. As vestes de linho que envergam estão frequentemente amarrotadas, vendo-se nesta expressão exterior um sinal claro das convulsões emocionais internas que percorria o círculo próximo do defunto. Em sinal de luto, atiram poeira sobre as suas cabeças. É um momento de profundo abatimento, de desalento contido e de comiserção. Expressam-se, assim, em público, as emoções íntimas dos familiares do morto.

Sem sermos exaustivos, servem-nos de referência para este quadro de encenação pública das emoções figurações e cenas do túmulo dos escultores Nebamon e Ipuki (TT 181), da XVIII Dinastia, em El-Khokha<sup>3</sup> e do túmulo de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga<sup>4</sup>, da mesma dinastia (reinado de Tutmés III)<sup>5</sup>. Cenas similares aparecem também retratadas em papiros funerários (ex. Papiro de Hunefer, EA9901,4 e 5; Papiro de Ani, BM EA 10470.6, ambos da XIX Dinastia). A morte é o momento privilegiado para expressões emocionais em público.

---

<sup>1</sup> Cf. Assmann, 2003, 214; Volokhine, 2008, 176.

<sup>2</sup> Cf. Taylor, 2001, 188; Volokhine, 2008, 183.

<sup>3</sup> Cf. PM, 1960, 287, 288.

<sup>4</sup> Cf. PM, 1960, 339.

<sup>5</sup> O quadro que apresentamos no final deste texto, organizado por ordem alfabética das necrópoles, agrupa todos os casos registados por Porter e Moss (PM, 1960) nos túmulos das necrópoles tebanas onde surgem representações de carpideiras. Excluímos, porém, desta síntese os casos referentes aos carpideiros masculinos.



*Figs. 1 e 2. Lamentação da viúva, acorada e de mão sobre a cabeça.  
Túmulo dos escultores Nebamon e Ipuki (TT 181), El-Khokha, XVIII Dinastia (Fig. 1)  
e Túmulo de Roy (TT 255), Dra Abu el-Naga, XIX Dinastia (Fig. 2).*

Nos funerais participavam também homens encarregados de puxar o sarcófago do defunto até junto do túmulo e de entoar cânticos e orações apropriadas ao momento. Eram chamados os «Nove Amigos», podendo tratar-se efectivamente de «amigos» (*semeru*) do morto ou tão só de seus serviçais<sup>6</sup>. Esta cena dos «Nove Amigos» nos cerimoniais funerários está patente em numerosos túmulos tebanos – em Cheikh Ab el-Gurna, nos túmulos de Huy/ Kenro (TT 54), de Ramose (TT 55), de Khaemhat (TT 57), de Menna (TT 69), de Horemheb (TT 78), de Amenemhat (TT 82), de Suemmut (TT 92), de Rekhmiré (TT 100), de Paser (TT 106), de Ahmose (TT 121) e de Merimaet (C4)<sup>7</sup>; em Dra Abu el-Naga, nos túmulos de Tituky (TT 15), de Amenmose (TT 19), de Mentuherkhepechef (TT 20), de Nakht (TT 161), de Roy (TT 255), de Siuser (A4) e de um desconhecido<sup>8</sup>; em Assasif, no túmulo de Ibi (TT 36)<sup>9</sup>; em El-Khokha, nos túmulos de Neferronpet (TT 178) e de dois Nebamon (TT 179 e TT 181)<sup>10</sup>.



*Fig. 3. Os «Nove Amigos» do defunto.  
Túmulo de Roy (TT 255). Dra Abu el-Naga. XIX Dinastia.*

Se, em termos simbólicos, o número «9» representa uma totalidade (neste caso, dos amigos do defunto), é interessante notar que, em certos casos, o número de elementos representados nas cenas é inferior: no caso dos túmulos de Puimré (TT 39), de Neferhotep

<sup>6</sup> Cf. Teeter, 2011, 141, 145.

<sup>7</sup> Cf. PM, 1960, 104, 108, 117, 138, 154, 165, 189, 212, 219, 235 e 448, respectivamente.

<sup>8</sup> Cf. PM, 1960, 27, 33, 35, 274, 339, 448 e 259, respectivamente.

<sup>9</sup> Cf. PM, 1960, 67

<sup>10</sup> Cf. PM, 1960, 284, 285 e 287, respectivamente.

(TT 49), ambos em El-Khokha, surgem apenas quatro dos «Nove Amigos»<sup>11</sup>; no túmulo de Amenmopet (TT 276), em Gurnet Murai, só três arrastam o sarcófago do morto<sup>12</sup>. Ainda assim, os «amigos» representados cumprem as funções práticas, litúrgicas e simbólicas estipuladas para os rituais e recitações de transição para o Além<sup>13</sup>.

Na procissão funerária não participavam só os familiares, os amigos e os conhecidos do defunto. Os cortejos e as cerimónias rituais públicas tinham também a participação empenhada, activa e insubstituível dos sacerdotes, seja os sacerdotes do *ka*, os sacerdotes-*sem* ou sacerdotes-*setem* (com vestes de peles de leopardo), seja os sacerdotes-leitores (*khery-hebet*), seja os sacerdotes purificadores-*uabu*, que com gestos e utensílios canónicos (ex.: *uer-hekau*, *pesech-kef*, vasos de libações, incensórios, etc.) se encarregavam de preparar e realizar as condições necessárias para a sobrevivência e vida eterna do morto no Além (cerimónia da abertura da boca, oferendas de alimentos, bebidas e flores)<sup>14</sup>.

Muitas destas cerimónias eram efectuadas durante o próprio cortejo fúnebre ou junto às «moradas da eternidade» (*hut neheh* ou *per-djet*) ou «casa do *ka*» (*hut-ka*), o túmulo de cada defunto. São incontáveis as cenas tumulares e os papiros que representam estas figuras oficiais do culto funerário no exercício das suas mágicas funções<sup>15</sup>. A morte proporciona um momento organizado de execução pública dos ritos fixados pela tradição.

No túmulo de Khonsu (TT 31), da XIX Dinastia, em Cheikh el-Gurna, vemos dois sacerdotes-*sem*, carecas, de sandálias e compridas vestes de linho branco encimadas com a pele de leopardo, manuseando a *uer-hekau*, ao mesmo tempo que fazem libações e fumigações em honra do defunto<sup>16</sup>. São seguidos por outro sacerdote-leitor (*khery-hebet*) que, pelo papiro desenrolado que segura, acompanha as cerimónias recitando ou entoando hinos de louvor. Competia-lhe recitar as fórmulas adequadas aos momentos específicos do ritual. Cenas similares podem ser encontradas em praticamente todas as necrópoles de Tebas ocidental, por exemplo nos túmulos de Neferhotep (TT 216), em Deir el-Medina<sup>17</sup>, de Userhat (TT 51), em Cheikh Abd el-Gurna<sup>18</sup>, de Sennefer (TT 96), também em Cheikh Abd el-Gurna<sup>19</sup>, de Neferronpet (TT 133), igualmente em Cheikh Abd el-Gurna<sup>20</sup>, de Naktamun (TT 202), em El-Khokha<sup>21</sup>, ou de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga<sup>22</sup>. Entre os papiros, cite-se apenas o *Livro dos Mortos* do escriba Nebqed, da XVIII dinastia, datado de c. 1400 a.C. (reinado de Amenhotep III). Trata-se de um papiro pintado, com um comprimento total de 6,30 m. e 31 cm de altura, hoje no Museu do Louvre (N 3068), em que na vinheta da cena do funeral vemos um sacerdote-*sem* realizando cerimónia da abertura do nariz, perante um sarcófago de pé, diante de uma fachada de um túmulo ornamentada com cones funerários incisos na parede e com uma porta<sup>23</sup>.

Além das figuras familiares e dos «oficiais do culto», há outras figuras imprescindíveis nas cerimónias associadas à morte: as carpideiras, *ỉ3kbywt*, *iakebiut*. Verdadeiras «profissionais do lamento e do choro», as carpideiras estavam encarregues de

<sup>11</sup> Cf. PM, 1960, 73 e 91, respectivamente.

<sup>12</sup> Cf. PM, 1960, 353. Ainda assim, nesse caso, o «três» simboliza uma pluralidade (Cf. Hartwig, 2013, 72).

<sup>13</sup> Cf. Assmann, 2005, 328, 329.

<sup>14</sup> Cf. Teeter, 2011, 140-142.

<sup>15</sup> Cf. Taylor, 2001, 189.

<sup>16</sup> Cf. PM, 1960, 48.

<sup>17</sup> Cf. PM, 1960, 314.

<sup>18</sup> Cf. PM, 1960, 98.

<sup>19</sup> Cf. PM, 1960, 199.

<sup>20</sup> Cf. PM, 1960, 249.

<sup>21</sup> Cf. PM, 1960, 305.

<sup>22</sup> Cf. PM, 1960, 339.

<sup>23</sup> Cf. [http://cartelfr.louvre.fr/pub/fr/image/30201\\_e0023820.002.jpg](http://cartelfr.louvre.fr/pub/fr/image/30201_e0023820.002.jpg).

marcar e enfatizar o lamento, a tristeza, a dor, o desespero, o choro, no fundo, a convulsão das emoções desencadeadas pela morte. Como figura incontornável do luto e da tristeza aparecem cedo nas representações fúnebres egípcias<sup>24</sup>, mas o tema ganha particular desenvolvimento nos túmulos das necrópoles tebanas a partir da XVII Dinastia<sup>25</sup>. Embora tenham ganho preponderância socio-profissional, não havia apenas carpideiras no Egito: há testemunhos claros, igualmente, da existência de grupos de homens «especialistas do choro», ou seja, carpideiros<sup>26</sup>.

Cenas funerárias na mastaba de Idu (G 7102), da VI Dinastia (reinado de Pepi I), em Guiza, representam carpideiros em poses dramáticas, desesperados, contorcendo-se, ajoelhados, puxando os cabelos ou levando as mãos à cabeça<sup>27</sup>. Carpideiros masculinos estão também representados nos túmulos de Ankhmahor, da VI Dinastia, em Sakara<sup>28</sup>, de Khabekhenet (TT 2), em Deir el-Medina<sup>29</sup> ou de Sayemiotef (TT 273), em Gurnet Murai<sup>30</sup>, da XIX Dinastia e do Período Raméssida respectivamente. Também no túmulo do vizir Nesipakachuty (reinado de Psamético I, Época Saíta) é possível encontrar, a par das especialistas femininas das lamentações, carpideiros-homens em acção<sup>31</sup>. Do mesmo reinado, em Assasif, há também carpideiros representados no túmulo de Ibi (TT 36). Em El-Khokha, há igualmente dois túmulos com homens chorando e lamentando-se na procissão fúnebre: o túmulo de Neferhotep (TT 49)<sup>32</sup> e o túmulo B 4 (Império Novo)<sup>33</sup>. Em Dra Abu el-Naga, nos túmulos de Amenemopet (TT 148) e de Hety (TT 151), as figuras de carpideiros integram-se também na procissão até ao túmulo do proprietário<sup>34</sup>. A necrópole de Cheik Abd el-Gurna, por sua vez, contempla a cena de homens carpindo nos túmulos de Huy (TT 54), de Ramose (TT 55) e de Khaemhat (TT57)<sup>35</sup>. Também uma vinheta do *Livro dos Mortos* do escriba Ani (BM EA 10470.5) nos mostra, a par da ajoelhada Tutu, a chorosa esposa que, sobre o trenó de deslocação, acompanha o sarcófago deitado do seu marido, oito carpideiros masculinos que a acompanham, um deles com uma distintiva cabeleira branca, sugerindo a sua avançada idade<sup>36</sup>.

<sup>24</sup> Citem-se, a título de exemplo, cenas nos túmulos de Sakara de Ankhmahor (sala 6) e de Mereruka (sala 13), da VI Dinastia, reinado de Teti I (Cf. PM, 1981, 514 e 532, respectivamente).

<sup>25</sup> Cf. Volokhine, 2008, 183.

<sup>26</sup> Cf. Taylor, 2001, 188, 189. Há, no entanto, quem defenda que a gestão da morte no que implica de lamentação e de choro é universalmente uma tarefa especialmente feminina, invocando os exemplos de cortejos de carpideiras femininas, da Antiguidade aos nossos dias (Cf. Volokhine, 2008, 184).

<sup>27</sup> Cf. Simpson, 1976, pl. XVIII-XIX; PM, 1974, 186.

<sup>28</sup> Cf. PM, 1981, 514.

<sup>29</sup> Cf. PM, 1960, 6.

<sup>30</sup> Cf. PM, 1960, 351.

<sup>31</sup> Cf. PM, 1960, 388.

<sup>32</sup> Cf. PM, 1960, 92; Caillaud, 1831, pl. 58.

<sup>33</sup> Cf. PM, 1960, 456.

<sup>34</sup> Cf. PM, 1960, 260 e 261, respectivamente.

<sup>35</sup> Cf. PM, 1960, 194, 108 e 117, respectivamente.

<sup>36</sup> Cf. Budge, 1913, 243 e Plate 5.





Fig. 4. Cenas com carpideiros (dois registos superiores) e carpideiras (dois registos inferiores) na mastaba de Idu (G 7102), em Guiza, VI Dinastia (reinado de Pepi I).



Fig. 5. Vinheta do Livro dos Mortos do escriba Ani (BM EA 10470.5): Tutu, a esposa de Ani, ajoelhada e chorosa sobre o trenó de deslocação e oito carpideiros masculinos integrados no cortejo fúnebre, um deles com uma distintiva cabeleira branca, sugerindo a sua avançada idade.

Desde logo, a nossa compreensão e interpretação da importância funcional e ritual das lamentações públicas das carpideiras e dos carpideiros egípcios é sublinhada pelo arquétipo simbólico-mitológico da lenda osiriana, em que as irmãs divinas Ísis e Néftis passam pela experiência da separação de Osíris, induzindo uma demanda pelo ser amado e lamentando-se, por fim, sobre o seu corpo recuperado. Ísis («a grande carpideira») e Néftis («a carpideira menor»), sempre representadas nas extremidades do sarcófago de Osíris, lugares canônicos que a iconografia respeitou (Ísis aos pés do defunto e Néftis à cabeceira), demonstraram arquetipicamente a eficácia performativa dos seus gestos e da sua mágica energia ao conseguirem um milagroso renascimento de Osíris no mundo do Além.

A morte de Osíris marcou ideologicamente a irrupção da morte no mundo e instituiu-se como modelo para o lamento fúnebre<sup>37</sup>. A morte de Osíris implicou um grave desequilíbrio cósmico, constituindo uma ruptura na ordenada marcha do universo que se tornava necessário solucionar. A sua morte lançou o mundo na tristeza, numa dor que atingiu deuses, homens e animais. O ritual dos seus funerais irá assumir e consumir essa tristeza, reservando para a dupla Ísis-Néftis um lugar insubstituível. A evolução religiosa egípcia fez do morto vulgar um Osíris divino, necessitando, por isso, do mesmo zelo e cuidado das lamentações fúnebres, neste caso de grupos de organizadas carpideiras.

<sup>37</sup> É impossível de dissociar a ideologia da morte no Egipto do mito de Osíris (Cf. Assmann, 2003; Volokhine, 2008, 176).

O papel e a eficácia performativa destas «profissionais do lamento», que, ao contrário das deusas Ísis e Néftis (sempre representadas as duas), surgem sempre agrupadas nos cortejos fúnebres, de pé e/ou ajoelhadas, não se restringiam à simples expressão da dor, da tristeza e das aflições dos sentimentos íntimos através de abundantes lágrimas e lancinantes gritos, capazes de comover familiares, amigos e conhecidos do defunto e demonstrar como este era estimado pela sua comunidade próxima. Esta era, digamos assim, a dimensão de superfície, visível nas numerosas cenas que nos chegaram de grupos de carpideiras, bastando destacar para o efeito as cenas patentes nos túmulos de Ramose (TT 55), em Cheikh Ab el-Gurna<sup>38</sup>, de Userhat (TT 56), também em Cheikh Abd el-Gurna, e de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga<sup>39</sup>, os dois primeiros da XVIII Dinastia e o último da XIX Dinastia. Igual conclusão pode retirar-se de uma outra vinheta do *Livro dos Mortos* de Ani (BM EA 10470.6)<sup>40</sup> e de outras figurações noutros suportes (sarcófagos, estelas, etc.)<sup>41</sup>.



Fig. 6. Um dos grupos de carpideiras do túmulo de Ramose (TT 55), da XVIII Dinastia, em Cheikh Abd el-Gurna: lágrimas abundantes, mãos erguidas para o céu, cabelo solto, peito descoberto, descalças.



Fig. 7. Mais carpideiras do túmulo de Ramose (TT 55): umas acoradas e outras de pé, mas a mesma demonstração pública de afecto e sentimento pelo morto.

<sup>38</sup> No caso da cena pintada dos funerais do túmulo de Ramose, há dois grupos de carpideiras, relativamente afastadas, que parecem «competir» na morte do proprietário do túmulo. O primeiro grupo, com 21 mulheres, entre a juventude e a idade madura, de vestes desalinhas, choram abundantes lágrimas e gritam, aparentemente desesperadas, pelo vizir morto: «*O grande pastor partiu e passa por nós. Vem, regressa para nós!*». No segundo grupo (20 carpideiras), nove são representadas acoradas em dois registos (quatro em cima e cinco em baixo), lançando poeira do solo sobre as suas cabeleiras e chorando também abundantemente, e as restantes estão de pé, parecendo bater-se a si próprias, nos antebraços, no ventre e nas coxas. A «competição» é uma forma de mostrar muitas e profundas emoções, o mesmo é dizer a alta estima social pelo morto (Cf. Davies, 1941, Pls. XXIV – B, 1 e 2). Vide Figuras 6 e 7.

<sup>39</sup> Cf. PM, 1960, 339, 340. Neste túmulo há também uma interessante cena em que as carpideiras surgem numa embarcação, eventualmente aludindo à travessia do Nilo, da margem oriental para a margem ocidental. Cena similar, com carpideiras numa embarcação, surge patente no túmulo de Ramose (TT 55), em Cheikh Abd el-Gurna, no de Amenuserhat (TT 176), em El-Khokha, no de Nebamon (TT 181), igualmente em El-Khokha, e no de Nakht (TT 397), em Assasif (Cf. PM, 1960, 138, 283, 287 e 443, respectivamente). Nos túmulos de Mentuenhat (TT 34), em Assasif, de Pabasa (TT 279), também em Assasif, de Neferhotep (TT 49), em El-Khokha, e de Menna (TT 69), em Cheikh Abd el-Gurna, as carpideiras aparecem em mais do que uma embarcação (Cf. PM, 1960, 58, 357, 92 e 138, respectivamente).

<sup>40</sup> Cf. Budge, 1913, 244 e Plate 6.

<sup>41</sup> Fragmentos de sarcófago com representações de carpideiras encontrados no túmulo de Iny (TT 285), em Dra Abu el-Naga (Cf. PM, 1960, 367), estelas com carpideiras, no túmulo de Irzanen (TT 306), também em Dra Abu el-Naga (PM, 1960, 385), e de Khemsmose (TT 30), em Cheikh Abd el-Gurna (Cf. PM, 1960, 47) ou de Horemheb (TT 78), no Museu de Florença (Cf. PM, 1960, 156).



*Fig. 8. Outro grupo de carpideiras: mãos sobre a cabeça, desalinho das vestes, pés descalçados, seios nus, cabelos atados, lágrimas abundantes. Vinheta do Papiro de Ani (BM EA 10470.6), XIX Dinastia.*

Simultaneamente, a demonstração pública de afecto e sentimento pelo morto pretendia evitar que este regressasse à terra para inquietar ou maltratar os seus familiares. A lamentação fúnebre das carpideiras, com base num repertório de textos e cânticos fúnebres mais ou menos estereotipado, cumpria, assim, um desígnio superior, destinado a acalmar o espírito do defunto. Mas a sua acção não se ficava por aqui: dirigia-se também, ainda, às divindades, apelando à sua piedade, com o objectivo de conseguir que estas premiassem o defunto com uma aprazível vida extraterrena.

A função das carpideiras cumpria, pois, vários objectivos e tinha diferentes destinatários: a sociedade (na expressão pública e encenada de tristeza e lamento), o morto (agradando-lhe de forma a aplacar o seu espírito) e as divindades (procurando o seu favor para com o defunto).

A iconografia disponível (em baixos-relevos e pinturas parietais e tumulares, em pinturas em papiros, em estatuetas, em estelas, em caixas do equipamento fúnebre, etc.) recorre a um conjunto de posturas e gestos-tipo, codificados, para apresentar as carpideiras. Trata-se, na essência, do leque ou paleta de atitudes corporais que as mesmas deviam denotar nos seus rituais para garantirem a plena obtenção dos seus intentos<sup>42</sup>.

De facto, a análise dessas representações permite identificar esses «gestos obrigatórios» das profissionais do lamento e do choro. É possível, assim, estabelecer-se uma dramaturgia codificada do luto, assente no catálogo de atitudes das carpideiras<sup>43</sup>. Desde logo, gestos bruscos, contorcidos, pouco habituais no dia-a-dia, para expressar a dor e o desregramento dos sentidos. Cabeças rápida e violentamente projectadas para trás, desmaios simulados, joelhos no chão, de cócoras ou deitadas com a cabeça em terra, de tudo um pouco se encontra nas cenas de carpideiras para transmitir a noção da profunda perturbação emocional de que estão dotadas no momento em que exercem publicamente as suas funções. A expressão obrigatória dos sentimentos colectivos passa por essas atitudes. São essas atitudes que (melhor) expressam esses sentimentos.

Artisticamente, as linhas quebradas com que se elaboram estas representações (braços, cabeças, mãos...), em completa ruptura com as representações ordenadas e alinhadas que caracterizam o «estilo egípcio», são processos visuais e intelectuais de traduzir o transtorno extremo dos sentimentos, da alteração da ordem<sup>44</sup>. Estamos no campo do «radicalmente utilitário» da arte egípcia<sup>45</sup>. As vestes desalinhadas ou amarrotadas concorrem para o mesmo efeito<sup>46</sup>.

<sup>42</sup> Cf. Volokhine, 2008, 183, 188.

<sup>43</sup> Cf. Volokhine, 2008, 185, 186.

<sup>44</sup> Cf. Lalouette, 1981, 94, 95.


<sup>45</sup> Cf. Bonhême, 1992, 7.

<sup>46</sup> Na arte egípcia, as viúvas, as filhas, as irmãs dos defuntos e as carpideiras vestem sempre de branco, sem adornos.



O momento inusitado de perturbação da ordem que a morte ocasiona repercute-se na apresentação das mulheres: descalças, seios de fora, nus, expostos<sup>47</sup>, como Heródoto mencionou, com abundantes lágrimas escorrendo pelas faces<sup>48</sup>, de braços erguidos em direcção ao céu e mãos em pose, contorcidas, rígidas<sup>49</sup>. Na verdade, o comportamento das carpideiras é assumidamente a-social e atípico, pois enfatiza os aspectos da desordem, do desgosto e da aflição, desejavelmente ausentes do quotidiano egípcio. A excepcionalidade dos comportamentos é uma expressão simbólica do conflito e da disfunção trazidos pela morte.

Nesta gramática dos gestos fúnebres é de realçar o papel desempenhado pelas mãos, pela cabeça e pelos cabelos. É muito comum como símbolo do desespero causado pela morte, além dos braços e mãos erguidos em direcção ao céu, os dois braços ou a duas mãos cobrirem a cabeça. O gesto de mãos sobre a cabeça (*ʿwy hr tp, aui her tep*) ilustra uma certa incredulidade e recusa em aceitar o facto consumado da morte física e terrestre do indivíduo. De igual modo, colocar a cabeça sobre os joelhos (*tp hr m3st qu d3d3 hr m3st = djadja tep her maset*<sup>50</sup>) é um gesto de angústia, de prostração perante a morte, de quase desistência<sup>51</sup>. Pelos seus gestos, as carpideiras são os agentes humanos que lutam contra a morte, desafiando a sua inexorabilidade, não se conformando ao desenlace atingido. Como as divinas carpideiras Ísis e Néftis, as carpideiras humanas usam a sua dor como força motriz das suas lamentações, no fundo da sua resiliência e recusa da morte. Esta recusa ocorre no campo das emoções e as carpideiras dão-lhe literalmente corpo, com as suas posturas, com os seus gestos, com o seu choro. As carpideiras rituais egípcias são uma forte manifestação da crença na imortalidade que existiu no antigo Egipto.

Os cabelos das carpideiras estão ao serviço de uma situação de intensa aflição emocional. Não é por acaso que a mecha de cabelos  (Gardiner D3) é o signo determinativo para termos ligados à dor e às lamentações, bem como da própria designação «carpideira»<sup>52</sup>. As representações com carpideiras mostram que, muitas vezes, são figuradas a puxar os cabelos (*nwn m sm3w, nun em semau*) – ex.: túmulo de Renni (EK 7), em El-Kab<sup>53</sup> –, embora também possam surgir com os cabelos soltos (em alguns casos, tratadas cabeleiras) ou com os cabelos atados atrás da nuca. No caso dos cabelos atados, citem-se as cenas nos túmulos de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga<sup>54</sup>, de Paheri (EK 3), em El-Kab<sup>55</sup>, e de Sobekmose, em el-Rizeikat (hoje no Museum of Fine Arts de Boston<sup>56</sup>), todos da XVIII Dinastia.

<sup>47</sup> A apresentação dos seios nus ao defunto, quer pela viúva como pelas carpideiras, inscreve-se numa lógica simbólica: é um incitamento explícito à excitação, à virilização, à vida, à ressurreição. Ao expor os seios como a mulher que amamenta, a carpideira é também uma mãe em potência, preparada para fazer do morto um novo ser, sustentando-o com o seu leite (Cf. Volokhine, 2008, 179). Também neste aspecto, Ísis e Néftis funcionam como protótipos da actuação da carpideira, pois também elas expuseram os seus seios como incitação à ressurreição de Osíris estéril e agiram com ele, como novo-nascido, como verdadeiras mães. O cerimonial das lamentações recupera e comporta, pois, este duplo aspecto vivificante.

<sup>48</sup> As lágrimas eram a «factura» que as carpideiras apresentavam aos encomendadores da tristeza e da lamúria ritual: elas eram pagas pela quantidade de líquido lacrimal vertido.

<sup>49</sup> Os braços erguidos para o céu é um gesto ambivalente, pois tanto pode expressar tristeza como alegria. A conotação é sempre, porém, a de um sentimento intenso e íntimo (Cf. Volokhine, 2008, 188).

<sup>50</sup> Sinuhé (R7-9, R9-11), acerca da morte do faraó Amenemhat I (atitude de luto): «*La cour étant dans le silence, les coeurs dans la tristesse, la double porte fermée, les courtisans avec la tête sur les genoux et le peuple en lamentation*». Vide Volokhine, 2008, 173.

<sup>51</sup> Cf. Drioton 1953, 15.

<sup>52</sup> Cf. Volokhine, 2008, 188; Gardiner, 1982, 450.

<sup>53</sup> Cf. PM, 1937, 183.

<sup>54</sup> Cf. PM, 1960, 339.

<sup>55</sup> Cf. PM, 1937, 180.

<sup>56</sup> <http://www.mfa.org/collections/object/reliefs-from-burial-chamber-of-sobekmose-4459>.



Fig. 9. Carpideiras de pé, de cabelos soltos, aparentemente puxando os cabelos. Túmulo de Renni (EK 7), em El-Kab, XVIII Dinastia (reinado de Amenhotep I).



Fig. 10. Carpideira ajoelhada, de seios pendentes, mãos na cabeça e cabelos atados. Túmulo de Roy (TT 255), em Dra Abu el-Naga, XVIII Dinastia.

A cabeleira (sm3) recebia, realmente, no cerimonial funerário um tratamento especial, permitindo exprimir simultaneamente a dimensão mais simples da dor e da lamúria, mas também a mais profunda, a dimensão simbólica. Neste sentido, há um gesto especial de profundo significado metafísico desempenhado pelas carpideiras: o chamado gesto nwn ou gesto nwn m. Trata-se de um movimento intencional de projectar os cabelos para a frente, tapando o rosto e os olhos da carpideira, gerando obscuridade, ainda que momentaneamente. Este gesto surge patente em certas cenas no túmulo de Amenemhat (TT 82)<sup>57</sup>; no túmulo de Minnakht (TT87)<sup>58</sup>; no túmulo de Rekhmiré (TT 100)<sup>59</sup>, todos em Cheikh el-Gurna; na vinheta do capítulo 168 do Livro dos Mortos<sup>60</sup>.



Figs. 11 e 12. Gestos nwn: carpideiras com cabelo intencionalmente projectado para o rosto. Fig. 11: Túmulo de Rekhmiré (TT 100); Fig. 12: Túmulo de Minnakht (TT87), ambos em Cheikh el-Gurna e da XVIII Dinastia.



Fig. 13. Vinheta do capítulo 168 do Livro dos Mortos. Duas carpideiras deitadas no chão, de rosto para baixo (em cima, à esquerda), e mulher de pé (em baixo, à direita). Todas têm o cabelo projectado para a frente, praticando o gesto nwn.

<sup>57</sup> Cf. PM, 1960, 165.

<sup>58</sup> Cf. PM, 1960, 179.

<sup>59</sup> Cf. PM, 1960, 214.

<sup>60</sup> Cf. Budge, 1898, 297; Faulkner, 1990, 168, 169; Valdesogo Martin, 2002, 548.

Estamos perante um gesto ritual de lamento e de desespero que faz alusão ao caos/ às trevas provocados pela morte. Cobrir o rosto com os cabelos e esconder os dois olhos era uma forma simbólica de mergulharem no mesmo estado de obscuridade do defunto. Não vendo, não percebendo, não conhecendo nada do mundo em seu redor nesse momento do ritual, as carpideiras estavam como o defunto: estavam mortas. A morte ocorre pela/ na cabeça. «Ausência» de cabeça é sinónima de ausência de vida, tal como a impossibilidade de ver e de respirar significa morte. Morte e obscuridade são dois conceitos que se associam no gesto *nwn*. O gesto é, pois, um poderoso signo de luto, em que a carpideira mimeticamente assume o mesmo estado do defunto.

Quando, no final do ritual, as carpideiras afastam/ recolhem os cabelos e descobrem os seus olhos, isso significa que o defunto recuperou a sua faculdade de ver o acesso à luz da ressurreição. A carpideira, qual *medium*, agiu pelo defunto para lhe garantir o acesso ao mundo da luz. Aquilo que o gesto ritual pretende é a regeneração do cadáver para a sua consequente entrada no mundo do Além<sup>61</sup>.

Nos *Textos dos Sarcófagos*, a cabeleira/ os cabelos são associados do ponto de vista simbólico à água, à vegetação e ao sopro de vida. Sendo o gesto *nwn* e a lamentação signos de desordem, os cabelos podem ser associados à água de um momento caótico e desordenado: a água do momento da criação, a água primordial do caos primordial. As águas do caos são água de morte, que contém em si os princípios criadores que estão na origem de todas as coisas e que, no contexto funerário, podem fazer começar a nova vida do defunto (da mesma forma que o ano egípcio começava com a água da inundação). As águas são também, por isso, símbolos de vida/ de nova vida. Os cabelos são ainda assimilados à água através das lágrimas de Ísis. São identificadas, dessa forma, às águas da inundação.

Os cabelos são associados à vegetação, na medida em que crescem como as plantas, aspecto que é relacionado também com o começo da vida. As abundantes lágrimas vertidas pelas carpideiras são simbólicas das águas da inundação e os seus cabelos das duas margens do Nilo e da sua vegetação. São uma metáfora para a paisagem nilótica: as lágrimas eram o rio; as mechas de cabelo caídas, para os dois lados do rosto, as suas duas margens.

O TS 228 e o LM 172 mostram que o defunto pode respirar o vento dos quatro pontos cardeais através dos elementos capilares:

«(...) N. que voici baise le grand vent d'est sur des tresses, N. que voici saisit le vent du nord par ses mèches, N. que voici empoigne le vent du sud par ses cils, N. que voici saisit le vent d'ouest par ses boucles. N. que voici fait le tour de ce ciel sur ces quatre côtés et il donne les vents aux *imakhous* en présence de son père Osiris.»<sup>62</sup>;

«Thy head, my lord, is (as) deep, as thou goest downstream, as the tress(es) of an Asiatic woman. Thy face shines more than the house of the Moon. Thy upper (part) is lapis lazuli. Blacker are thy locks, than the portals of the nether world. (O) lord of day and darkness, thy locks contrasting with lapis lazuli on thy face. Re's rays (shine) on thy countenance (as) veils of gold; Horus has striped them with lapis lazuli. (Thy) eyebrows are the (Two) Sisters united, for Horus has striped them with lapis lazuli. Thy nose is (provided) with breath; the air in thy nostrils is like the winds in the sky»<sup>63</sup>.

O cabelo e o luto são dois aspectos inseparáveis e o agitar dos cabelos pelas carpideiras no ritual da lamentação fúnebre seria uma forma de dar ao morto o sopro vital. Na lenda osiriana, Ísis, sob a forma de um falcão, bateu as asas sobre o marido para lhe dar o sopro vital. Os cabelos das carpideiras são assimilados às asas de Ísis para indicar que o gesto *nwn* (agitar os cabelos) era uma forma de produzir o ar de que o defunto precisava para respirar e ressuscitar.

<sup>61</sup> Esta ideia parece estar subjacente a um excerto das *Lamentações de Ísis e de Néftis* onde, pela boca da deusa Ísis, se diz: «Não te verei, não te verei/ bom rei, eu não te verei?/ É bom ver-te, é bom ver-te,/ tu de *Iunu*, é bom ver-te!» (Araújo, 2005, 135).

<sup>62</sup> Barguet, 1986, 184. Cf. Faulkner, 1973, 181.

<sup>63</sup> Allen, 1974, 179.

Muitas vezes, as carpideiras que fazem o gesto *nwn* são duas, recuperando, assim, o protótipo mítico de Ísis e Néftis. Nestes casos, desempenham o papel de «mães do defunto», sendo este, assimilado a Osíris, um «recém-nascido» no Além<sup>64</sup>. Os seios expostos reforçavam esta sua característica «materna». Em consequência, podemos afirmar que a finalidade primordial do gesto *nwn* era a ressurreição do morto e que só as duas carpideiras podiam chorar e garantir o seu renascimento<sup>65</sup>.

Para esta conclusão concorre também o momento exacto da cerimónia ritual fúnebre em que as duas carpideiras encarregues do gesto *nwn* o praticavam. Se as deusas Ísis e Néftis são canonicamente representadas aos pés e à cabeceira do sarcófago, contribuindo sobretudo para a ressurreição do morto e para a restituição das suas formas vitais, as duas carpideiras que desempenhavam simbolicamente o papel das deusas participavam na cerimónia da abertura da boca, o mais importante dos ritos funerários<sup>66</sup>. Ainda assim, o momento exacto do rito é de difícil determinação. Segundo a iconografia, seria realizado: 1) durante a procissão fúnebre, enquanto o sarcófago era transportado, ou 2) na necrópole, quando o séquito funerário já estava perto do túmulo, ou 3) em ambas as situações.

Uma estela do Museu do Louvre (estela C15: estela de Abkau, XI Dinastia; c. 2000 a.C.), proveniente de Abidos, sugere que o gesto *nwn* seria realizado sobre o próprio cadáver: as carpideiras lançavam os cabelos para a frente, agitando-os, cobrindo o rosto e os olhos, sobre o cadáver no momento da cerimónia da abertura da boca para restituir ao defunto as funções vitais de que necessitava para a sua vida no Além<sup>67</sup>. A «desordem capilar» tinha um duplo sentido: por um lado, negativo, pela assimilação do cabelo à obscuridade, ao caos, ao desespero e, em definitivo, à morte, por outro, positivo, pela relação que a cabeleira estabelecia com os elementos vitais (água, vegetação, sopro vital, cópula, maternidade) e, logo, com a regeneração do cadáver<sup>68</sup>.

Este importante rito fúnebre da antiga tradição religiosa faraónica, que não é prescrito pela religião muçulmana, sobreviveu no Egipto: ainda hoje, certas famílias de aldeias do Alto Egipto pagam a carpideiras (*badaya*) para, vestidas de preto, acompanharem os seus mortos atrás do cortejo fúnebre e fazerem os mesmos gestos das suas longínquas antepassadas, com o mesmo objectivo: a vida eterna do morto<sup>69</sup>. É um testemunho etnográfico da eficácia de uma representação teatralizada em torno da morte.

## Conclusão

No antigo Egipto, depois de preparado o corpo para a imortalidade, organizavam-se os funerais que conduziriam a múmia para o seu túmulo. No cortejo fúnebre participavam familiares, amigos, servos e dependentes, sacerdotes e pessoal que colaborara no processo de embalsamamento e carpideiras, em regra do sexo feminino, representando os papéis de Ísis e Néftis no funeral arquetípico de Osíris. Estas mulheres acorriam às procissões fúnebres para expressar a sua solidariedade e tristeza à família enlutada e também para participarem num evento público. A sua acção, porém, ultrapassa o domínio dos sentimentos.

---

<sup>64</sup> Magicamente, o defunto torna-se também «filho de Nut», como o arquetípico Osíris.

<sup>65</sup> Cf. Assmann, 2003, 218.

<sup>66</sup> Cf. Taylor, 2001, 190.

<sup>67</sup> Cf. [http://art.rmngp.fr/fr/library/artworks/stele-de-abkaou\\_relief-sculpture\\_calcaire](http://art.rmngp.fr/fr/library/artworks/stele-de-abkaou_relief-sculpture_calcaire) e <https://www.flickr.com/photos/manna4u/9612955701>.

<sup>68</sup> No templo de Abidos, há uma representação em que surgem quatro divinas carpideiras com a madeixa dianteira de cabelo caindo sobre o rosto. São encaradas como as deusas Ísis, Néftis, Neit e Serket relacionadas com o restauro corporal e protecção do morto. São as mesmas deusas que surgem como guardiãs dos vasos de vísceras que guardam os órgãos do defunto.

<sup>69</sup> Cf. Volokhine, 2008, 184, 185; Harrington, 2013, 110.

<sup>70</sup> Indicam-se nestas colunas as páginas de PM, 1960, onde surgem anotadas referências à existência de cenas com carpideiras.



A presença e actuação das carpideiras rituais egípcias, quer situando-se mais do lado da expressão de emoções, mais pura e autêntica, quer situando-se do lado da encenação pública, mais artificial e teatral, demonstra a importância das lamentações fúnebres, da mensagem que lhe estava associada de acordo com os seus diferentes destinatários e dos seus objectivos: a regeneração do cadáver e a sua consequente entrada no mundo do Além, para uma existência eterna feliz e prazenteira.

Há, portanto, uma dimensão simbólica mais profunda subjacente à existência e à actuação das carpideiras rituais egípcias que tornam as lamentações fúnebres actos vivificantes de reanimação e regeneração do defunto. A teatralização da dor pelas carpideiras foi uma solução ritual, pública, colectiva e organizada que permitiu enfrentar e ultrapassar a dor da separação física do defunto.

A ideologia da morte no Egipto antigo, impossível de dissociar do mito de Osíris, recorreu às carpideiras presentes nos funerais para expressar, com comportamentos cenográficos e prescritivos, menos espontâneos portanto, as emoções agitadas, expansivas e ostentatórias da tristeza e do desgosto. Se o desequilíbrio introduzido pela morte constitui uma ruptura na ordem cósmica, a recomposição só é possível pela reanimação do morto no Além e nessa tarefa as carpideiras desempenharam um papel central.

*Túmulos das necrópoles tebanas onde surgem representações de carpideiras.*

NECRÓPOLE	TT	PROPRIETÁRIO	PM, 1960 <sup>70</sup>
Assasif	34	Mentuemhat	58
Assasif	36	Ibi	67
Assasif	189	Nakhtdjehuti	295
Assasif	193	Ptahemhab	300
Assasif	279	Pabasa	357
Assasif	366	Djar	429
Assasif	409	Simut, chamado Kyky	462
Cheikh Abd el-Gurna	23	Tjay, chamado To	40
Cheikh Abd el-Gurna	30	Desconhecido/ Khonsumose	47
Cheikh Abd el-Gurna	31	Khonsu	48
Cheikh Abd el-Gurna	41	Amenemopet	79
Cheikh Abd el-Gurna	44	Amenemheb	84
Cheikh Abd el-Gurna	45	Djehuti/ Tutemheb	85
Cheikh Abd el-Gurna	50	Neferhotep	95
Cheikh Abd el-Gurna	51	Userhat, chamado Neferhabef	97, 98
Cheikh Abd el-Gurna	53	Amenemhat	104
Cheikh Abd el-Gurna	54	Huy/ Kenro	104
Cheikh Abd el-Gurna	55	Ramose	108
Cheikh Abd el-Gurna	56	Userhat	113
Cheikh Abd el-Gurna	57	Khaemhat	117, 118
Cheikh Abd el-Gurna	69	Menna	138
Cheikh Abd el-Gurna	75	Amenhotep-si-se	149
Cheikh Abd el-Gurna	78	Horemheb	154
Cheikh Abd el-Gurna	80	Djehutinefer	159
Cheikh Abd el-Gurna	81	Ineni	162
Cheikh Abd el-Gurna	82	Amenemhat	165
Cheikh Abd el-Gurna	85	Amenemheb, chamado Mahu	174
Cheikh Abd el-Gurna	87	Minnakht	179
Cheikh Abd el-Gurna	89	Amenmose	182
Cheikh Abd el-Gurna	100	Rekhmiré	214
Cheikh Abd el-Gurna	112	Menkheperreseneb/ Achefitemusaet	230
Cheikh Abd el-Gurna	113	Kynebu	231
Cheikh Abd el-Gurna	130	May	245
Cheikh Abd el-Gurna	134	Thauenany, chamado Any	250
Cheikh Abd el-Gurna	138	Nedjemger	252
Cheikh Abd el-Gurna	249	Neferonpet	335
Cheikh Abd el-Gurna	259	Hori	343
Cheikh Abd el-Gurna	263	Piay	344
Cheikh Abd el-Gurna	341	Nakhtamon	408
Cheikh Abd el-Gurna	342	Djehutimés	410
Cheikh Abd el-Gurna	347	Hori	415
Deir el-Bahari	312	Nesipakachuty	388
Deir el-Medina	2	Khabekhenet	6
Deir el-Medina	216	Neferhotep	314

Deir el-Medina	217	Ipuy	315
Deir el-Medina	218	Amennakht e Iymuay	317
Deir el-Medina	219	Nebenmaet	321
Deir el-Medina	250	Ramose	336
Deir el-Medina	268	Nebnakht	349
Deir el-Medina	291	Nu e Nakhtmin	374
Deir el-Medina	338	May	406
Deir el-Medina	354	Amenemhat	419
Dra Abu el-Naga	12	Hery	24
Dra Abu el-Naga	13	Shuroy	25
Dra Abu el-Naga	14	Huy	26
Dra Abu el-Naga	19	Amenmose	33
Dra Abu el-Naga	140	Neferronpet	254
Dra Abu el-Naga	141	Bakenkhonsu	255
Dra Abu el-Naga	151	Hety	261, 262
Dra Abu el-Naga	152	Desconhecido	262
Dra Abu el-Naga	158	Thonefer	269
Dra Abu el-Naga	159	Raya	271, 273
Dra Abu el-Naga	161	Nakht	274, 275
Dra Abu el-Naga	162	Kenamon	276
Dra Abu el-Naga	233	Saroy	329
Dra Abu el-Naga	255	Roy	339, 340
Dra Abu el-Naga	269	User	343
Dra Abu el-Naga	284	Pahemnetjer	366
Dra Abu el-Naga	275	Iny	367
Dra Abu el-Naga	306	Irdjanen	384, 385
Dra Abu el-Naga	333	Desconhecido	401
Dra Abu el-Naga	394	Desconhecido	442
Dra Abu el-Naga	397	Nakht	443
Dra Abu el-Naga	C4	Merimaet	458
El-Khokha	49	Neferhotep	91, 92, 93, 94
El-Khokha	175	Desconhecido	281
El-Khokha	176	Amenuserhat	283
El-Khokha	178	Neferronpet, chamado Kenro	284
El-Khokha	181	Nebamon e Ipuky	287, 288
El-Khokha	247	Simut	333
El-Khokha	254	Mose (Amenmose)	338, 339
El-Khokha	296	Nefersekheru	378
El-Khokha	392	Desconhecido	442
El-Khokha	B4	Desconhecido	456
Gurnet Murai	222	Hermaetré-nakht	323, 324
Gurnet Murai	273	Sayemiotef	351
Gurnet Murai	277	Amenemonet	354

## BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, T. G.  
1974 *The book of dead or going forth by day. Ideas of the Ancient Egyptians concerning the hereafter as expressed in their own terms*, Chicago, The University of Chicago Press.
- ARAÚJO, L. M.  
2005 *Mitos e lendas do antigo Egito*, Lisboa, Centralivros.
- ASSMANN, J.  
1989 “Death and Initiation in the Funerary Religion of Ancient Egypt”, in S. W. Kelly (ed.), *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, New Haven, Yale Egyptological Studies 3, pp. 135-159.  
1990 “Egyptian mortuary liturgies” in S. Israelit-Groll (ed.), *Studies in Egyptology presented to Miriam Lichtheim, Vol. I*, Jérusalem, pp. 1-45.  
2003 *Mort et au-delà dans l’Égypte ancienne*, Mónaco, Éditions du Rocher.  
2005 *Death and Salvation in Ancient Egypt*, Ithaca/ London, Cornell University Press.
- BAINES, J.; LACOVARA, P.  
2002 “Burial and the dead in ancient Egyptian society”, *Journal of Social Archaeology*, Vol 2 (1), pp. 5-36.
- BARGUET, P.  
1986 *Les Textes des Sarcophages égyptiens du Moyen Empire*, Paris, Les éditions du Cerf.
- BOMMAS, M.  
2011 “The mechanics of social connections between the living and the dead in ancient Egypt”, in M. Carroll J. Rempel (eds.), *Living through the Dead. Burial and Commemoration in the Classical World*, Oxford, pp. 159-182.

- BONHÊME, M.-A.  
1992 *L'art égyptien*, Paris, PUF.
- BUDGE, E. A. W.  
1898 *The Book of the Dead. The chapters of coming forth by day. The Egyptian text according to the theban recension in hieroglyphic edited from numerous papyri, with a translation, vocabulary, etc.*, London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd.
- 1913 *The papyrus of Ani: a reproduction in facsimile*, 2<sup>a</sup> ed., London/ New York, The Medici Society, Ltd./ G. P. Putnam's Sons.
- CAILLIAUD, F.  
1831 *Recherches sur les arts et métiers, les usages de la vie civile et domestique des anciens peuples de l'Égypte, de la Nubie et de l'Éthiopie, suivies de détails sur les mœurs et coutumes des peuples modernes des mêmes contrées*, Paris.
- CARRIER, C.  
2010 *Le Papyrus d'Any (BM EA 10470)*, Serie Des Papyrus Du Livre Des Morts de L'Égypte Ancienne – Volume II, Paris, Librairie Cybele.
- COHEN, M.  
2005 “New Stanzas of the Lamentations of Isis and Nephtys”, *Orientalia Lovaniensia Periodica* 31 (2000-2005), Leuven, pp. 5-23
- DAVIES, N. de G.  
1941 *The tomb of the vizir Ramose*, London, The Egyptian Exploration Society.
- DESROCHES-NOBLECOURT, Ch.  
1953 “«Concubines du mort» et mères de famille au Moyen Empire. À propos d'une supplique pour une naissance”, *BIFAO* 53, pp. 7-47.
- 1986 *La femme au temps des pharaons*. Paris.
- DRIOTON, É.  
1953 “Un document sur la vie chère à Thèbes au début de la XVIII<sup>e</sup> dynastie”, *BSFE* 12, pp. 11-25.
- FAULKNER, R.O.  
1961 “The Lamentations of Isis and Nephtys”, *MIFAO* 66, pp.337-348.
- 1973 *The Ancient Egyptian Coffin Texts, Volume I, Spells 1-354*, Warminster, Aris & Phillips Ltd.
- 1990 *The Ancient Egyptian Book of Dead*, London.
- GARDINER, A.  
1982 *Egyptian grammar being an introduction to the study of hieroglyphs*, 3<sup>a</sup> ed., Oxford, Griffith Institute.
- HARRINGTON, N.  
2013 *Living with the Dead: Ancestor Worship and Mortuary Ritual in Ancient Egypt*, Oxford, Oxbow Books.
- HARTWIG, M.  
2013 *The tomb chapel of Menna (TT 69). The Art, Culture, and Science of Painting in an Egyptian Tomb*, Cairo, The American University in Cairo Press.
- HÉRODOTE  
*L'Enquête — Livres I à IV*, Paris, Gallimard.
- HERÓDOTO  
1987/1992 *História. Obra completa*, Madrid, Editorial Gredos.
- JACQ, Christian  
2002 *As Egípcias*, Porto, Edições Asa.
- LALOUETTE, C.  
1981 *L'art égyptien*, Paris, PUF.
- LECLANT, J.  
1985 “Mort sur le Nil: les conceptions funéraires de l'Égypte pharaonique”, *Bulletin de la Société et Thanatologie, Études sur la mort*, n° 62 et 63, 19<sup>e</sup> année, pp. 10-12.
- LUDDECKENS, E.  
1943 “Totenklagen”, *MDAIK* 11, pp. 109-11
- MORENZ, S.  
1977 *La religion égyptienne. Essai d'interprétation*, Paris, Payot.
- O'CONNOR, D.  
2009 *Abydos. Egypt's first pharaohs and the cult of Osiris*, London, Thames & Hudson.
- PERNIGOTTI, S.  
1992 “Le prêtre”, in S. Donadoni (dir.), *L'homme égyptien*, Paris, pp. 151-187.

- PORTER, B.; MOSS, R.  
1937 *Topographical bibliography of Ancient Egyptian hieroglyphic texts, reliefs and paintings, V. Upper Egypt. Sites (Deir Rîfa to Aswân, excluding Thebes and the Temples of Abydos, Dendera, Esna, Edfu, Kôm Ombo and Philae)*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1ª ed.  
1960 *Topographical bibliography of Ancient Egyptian hieroglyphic texts, reliefs and paintings, I. Theban Necropolis. Part I. Private Tombs*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 2ª ed.  
1974 *Topographical bibliography of Ancient Egyptian hieroglyphic texts, reliefs and paintings, III. Memphis. Part 1. Abû Rawâsh to Abûsîr*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 2ª ed.  
1981 *Topographical bibliography of Ancient Egyptian hieroglyphic texts, reliefs and paintings, III. Memphis. Part 2. Şaqqâra to Dahshûr*, Oxford, Griffith Institute, Ashmolean Museum, 2ª ed.
- QUIRKE, S.  
1993 *Owners of funerary papyri in the British Museum*, 92, London, British Museum Press.
- SALES, J. C.  
2015 “Corpo e tempo – as imagens idealizadas da arte egípcia”, *digitAR – Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, nº 2, pp. 168-185.
- SARR, M. N.  
1999/ 2000 “La représentation du deuil dans les tombes de l’Ancien Empire égyptien”, *Ankh*, nºs 8/9, pp. 72-85.
- SERRANO DELGADO, J. M.  
2009 “El ritual de la Apertura de la Boca en la tumba de Djehuty ((TT 11))”, *Trabajos de Egiptología. Papers on Ancient Egypt*, número 5/2, pp. 243-257.  
2012 “Nuevas perspectivas en torno a los rituales funerarios a partir de la tumba de Djehuty (TT 11) : las escenas de la capilla”, in L. M. de Araújo, J. C. Sales (eds.), *Novos Trabalhos de Egiptologia Ibérica, Vol. II*, Lisboa, pp. 1077-1087
- SILVANA CATANIA, M.; LORENA YOMAHA, S.  
2009 “Los rituales de ofrenda y la solarización del culto funerario en la tumba de Neferhotep (TT 49)”, *Trabajos de Egiptología. Papers on Ancient Egypt*, número 5/1, pp. 151-165.
- SIMPSON, K.  
1976 *The Mastabas of Qar and Idu*, Giza Mastabas, vol. 2, Boston, 1976.
- SNAPE, S.  
2011 *Ancient Egyptian Tombs. The Culture of Life and Death*, Chichester, John Wiley & Sons Ltd.
- SPENCER, A. J.  
1982 *Death in Ancient Egypt*, Harmondsworth, Penguin Books.
- TAYLOR, J. H.  
2001 *Death & the afterlife in Ancient Egypt*, London, The Trustees of the British Museum.
- SWEENEY, D.  
2001 “Walking alone forever, following you: gender and mourners’ laments from ancient Egypt”, *NIN: Journal of Gender Studies in Antiquity* 2. 27–48.
- TEETER, E.  
2011 *Religion and Ritual in Ancient Egypt*, New York, Cambridge University Press.
- VALDESOGO MARTIN, M. R.  
2002 “Les cheveux des pleureuses dans le rituel funéraire égyptien. Le geste *nwn*”, in Z. A. Hawass, L. P. Brock, *Egyptology at the Dawn of the 21st Century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000*, Vol. 2, *History and Religion*, Cairo, pp. 548-555.  
2005 *El cabello en el ritual funerario del antiguo Egipto a partir de los Textos de los Sarcófagos y de la evidencia iconográfica*, Barcelona, Aula Aegyptiaca Fundación Privada.
- VINCENT, A.  
1940 “Marcelle Werbrouck, les pleureuses dans l’Égypte ancienne. Dessins de Marcelle Baud, 1939”, *Revue des Sciences Religieuses*, tome 20, fascicule 1-2, pp. 218, 219.
- VOLOKHINE, Y.  
2008 “Tristesse rituelle et lamentations funéraires en Égypte ancienne”, *Revue de l’histoire des religions*, 2, pp. 163-197.
- WERBROUCK, M.  
1938 *Les pleureuses dans l’Égypte ancienne*, Bruxelles, Éditions de la Fondation Égyptologique Reine Elisabeth.

(Footnotes)

1 Indicam-se nestas colunas as páginas de PM, 1960, onde surgem anotadas referências à existência de cenas com carpideiras.